## III CONGRESSO PORTUGUÊS DE LITERATURA BRASILEIRA

Celebrando a passagem de 80 anos de ensino oficial de literatura brasileira em Portugal, e de 30 anos do seu ensino na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o III Congresso Português de Literatura Brasileira, organizado por Arnaldo Saraiva e por Francisco Topa, reuniu nesta cidade no dia 24 de Outubro uma trintena de estudiosos, entre os quais se contavam quase todos os que têm ensinado a literatura brasileira em várias universidades portuguesas. Além dos organizadores, apresentaram comunicações Fernando Cristóvão, Maria Aparecida Ribeiro, Petar Petrov, Maria Margarida Maia Gouveia, Francisco Soares, J. Alves Pires, Carla Mourão Neves, Sara Augusto, Ângela Sarmento, Pedro Eiras, Cristina Azevedo, Clara Rowland, Adriana Monteiro, Carla Freitas, Lúcia Silveira Lopes, Filipe Moreira, Inês Santos, Luísa Mota, Helena Lopes, Pedro Calheiros, Zulmira Santos, Álvaro Manuel Machado, Carlos Mendes de Sousa, Vânia Chaves e Abel Barros Baptista. Há que referir também a intervenção do escritor Bernardo Carvalho, que discorreu especialmente sobre o romance que acabava de lançar em Portugal pelas edições Cotovia –*Mongólia*.
Algumas comunicações incidiram sobre obras ou autores antigos (Simão de Vasconcelos, Basílio da Gama), mas foram bem mais numerosas as que incidiram sobre obras ou autores a partir de Machado de Assis – Cecília Meireles, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Clarice Lispector, Carlos Pena Filho, António Callado, Haroldo Maranhão, Rubem Fonseca, Ignácio de Loyola Brandão, Eucanaã Ferraz, Amílcar Bettega Barbosa e Bernardo Carvalho; e não faltaram também comunicações comparatistas ou de reflexão sobre questões como a da infância na ficção e a do "nascimento" do conceito de "literatura brasileira". O Congresso terminou com um debate sobre a situação do ensino da literatura brasileira em Portugal, que, 80 anos depois de iniciado, e já instaurado em quase todas as universidades, conhece ainda alguns obstáculos e ameaças.
NB - Nesta *Terceira Margem* iniciamos a publicação de algumas comunicações apresentadas ao Congresso; as restantes serão publicadas no próximo número.

## LULA CÁ

Foi bom ver e ouvir o presidente Lula da Silva em Portugal. Em Portugal? Os que organizaram a sua viagem e certos diplomatas, empresários e intelectuais brasileiros de agora parecem ignorar que Portugal não é Lisboa, como parecem ignorar a especial relação histórica do Norte de Portugal com o Brasil, ou vice-versa.
É cedo decerto para se fazer um balanço da visita, que, como a de presidentes portugueses ao Brasil, ou de outros presidentes do Brasil a Portugal (Hermes da Fonseca, Epitácio Pessoa, Café Filho, Kubitschek de Oliveira, Costa e Silva, Garrastazu Médici, João Figueiredo, José Sarney, Collor de Melo, Fernando H.Cardoso), parece, mau grado o seu valor simbólico, ter ficado aquém das expectativas das duas comunidades.
Ao que se sabe, dessa visita resultaram três acordos, sobre a facilitação de circulação de pessoas, sobre a prevenção e repressão do tráfico ilícito de migrantes e sobre a contratação recíproca de nacionais. O Mercosul e a União Europeia, as relações económicas e comerciais terão estado no centro dos debates entre autoridades

portuguesas e brasileiras. Lula ter-se-á comovido na entrega do prémio Camões a Rubem Fonseca, representado pela sua filha, mas não consta que ele e Durão Barroso se tenham disposto a trabalhar pela dignificação desse prémio, quase ignorado no Brasil, ou que se tenham empenhado em acordos e reciprocidades culturais urgentes, esquecendo o famigerado acordo ortográfico, e adiando medidas conjuntas de defesa e divulgação da língua ou das literaturas que com ela se fazem e que, ontem como hoje, continuam a ser o lugar dos mais enriquecedores e mais duradouros encontros possíveis entre portugueses e brasileiros.

## HABEMUS... DICIONÁRIOS

De repente, depois de décadas de miséria ou de fome lexical, em que nos víamos obrigados a recorrer por vezes ao velho Bluteau e ao velho Morais, é a fartura: aí estão, publicados com curtos intervalos, o *Novo Aurélio Século XXI – O Dicionário da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa (2 volumes, Lisboa, Verbo, 2001) e o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2001). Este último foi agora publicado em seis volumes, com pequenos ajustes e acréscimos devidos a uma equipa portuguesa, pelo Círculo de Leitores. É caso para dizer que estão de parabéns não só os responsáveis por esses dicionários mas todos os que falam e escrevem em português.

## OS LIVROS DE BRASILEIROS EM PORTUGAL

Não se pode dizer que vão maus os tempos para os livros de brasileiros em Portugal. Nos últimos anos vários editores se têm empenhado em lançar no mercado português obras de autores do Brasil que de outro modo dificilmente poderiam ser lidas pelos portugueses, já que continua difícil, como há mais de um século, a comercialização do livro brasileiro em Portugal (e a do livro português no Brasil). A lista é já surpreendente, e tanto mais surpreendente quanto é certo que, como acontece com o cd ou com a telenovela, tardam os gestos brasileiros de reciprocidade.
No entanto, não há ainda grandes motivos para grandes euforias, o que se deduz até da resposta de alguns editores ao inquérito que publicamos neste número. A história das relações luso-brasileiras pode ensinar-nos alguma coisa sobre a precariedade de muitos movimentos de aproximação cultural, que não contam com apoios institucionais sólidos nem com políticas a longo prazo. Se os *media* não acompanham o esforço dos editores, se os livreiros ou as escolas marginalizam as obras dos brasileiros, se não se estimulam intercâmbios de leitores e autores, se as próprias autoridades brasileiras nada fazem pelo livro de brasileiros em Portugal, é quase certo que os corajosos editores de agora acabarão por desistir.

## UMA REVISTA — *CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA*

De norte a sul, mas bem menos a oeste, o Brasil edita hoje inúmeras revistas literárias por onde passam velhos nomes consagrados ou novos que querem ser lidos ou reconhecidos, e que, mais do que os livros, ou do que os jornais, cada vez menos abertos a textos "criativos" e ensaísticos, dão conta da existência de um número impressionante de produtores, assim como da diversidade de propostas estético-literárias, que agora também podem medir-se pela internet. Pensemos misturadamente, por exemplo, em *Tempo Brasileiro, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Estudos Portugueses e Africanos, Revista Brasileira, Dimensão, Cult, Scripta, Caliban, Travessia, Dialética, Encontro, Remate de Males, Exú, Ficções...* Editadas por universidades, academias, instituições públicas e privadas, empresas e editoras ou por pequenos grupos, essas revistas, nacionais ou regionais, genéricas ou especializadas, periódicas ou não-periódicas, com um grafismo simples ou requintado (na linha que vem de *Klaxon* a *34 Letras*), cumprem quase sempre funções formativas e informativas relevantes, valem como laboratórios de expressão e de reflexão, são pólos de atracção cultural e social. E se há sempre alguma morrendo, como a já saudosa *Poesia Sempre*, também há sempre alguma nascendo, ou até renascendo, como a *Revista do Livro*.
Das muitas revistas que hoje se publicam no Brasil, uma há que se distingue pela sua qualidade literária e gráfica – *Cadernos de Literatura Brasileira*. Editada desde 1996 pelo Instituto Moreira Salles, consagrando cada número a um escritor, e tendo como director

Antonio Ferenando De Franceschi, ela já contemplou João Cabral, Raduan Nassar, Jorge Amado, Rachel de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Ferreira Gullar, João Ubaldo Ribeiro, Hilda Hist, Adélia Prado, Ariano Suassuna, Ignácio de Loyola Brandão, Carlos Heitor Cony, Euclides da Cunha, e, no último número (15), saído em Julho, Millôr Fernandes. A qualidade do papel, o arranjo gráfico, a beleza das fotos e das ilustrações, o levantamento bio-bibliográfico, a entrevista, os depoimentos, os inéditos, os ensaios, etc., recomendam mais este número, que tem ainda a seu favor o facto de ser dedicado a um homem que "vem há 64 anos fazendo rir", ao criador singular – humorista, filósofo, poeta, desenhador, dramaturgo, tradutor – que é Vão Gôgo-Millôr.

## HAROLDO, RACHEL, WALY, DOMINGOS...

Tinham nascido em lugares distintos: Rachel de Queirós em Fortaleza, Ceará (1910), Domingos Carvalho da Silva em Vila Nova de Gaia, Portugal (1915), Haroldo de Campos em S. Paulo (1929), Waly Salomão em Jequié, Bahia (1943). Todos prestaram importantes serviços à cultura ou literatura brasileira: Domingos, que a sua terra natal ignorou até na morte, animou a geração de 45, dirigiu publicações, empenhou-se na didáctica literária, sempre fascinado pela poesia e pela "teoria do poema", e às vezes desvalorizado pelas suas origens portuguesas; Rachel soube desde muito cedo explorar sem demagogia o filão nordestino da seca, da violência e da miséria individual, familiar e social, fazendo dos seus romances e crónicas memoriais da dignidade humana e feminina; Waly valeu-se do seu fôlego invulgar para as viagens do tropicalismo e da poesia (ou da vida) marginal; Haroldo cumpriu com perfeição e obstinação o seu destino de líder, que contagiou jovens de várias gerações, e dedicou-se obstinadamente à causa do novo e do acerto do relógio cultural do Brasil, que sem contradição nem cansaço o levou à antiguidade oriental, médio-oriental ou greco-latina e a várias línguas e poéticas estrangeiras, entre as quais a grega da *Ilíada* – de que no número anterior publicámos a "rapsódia" com que ele gentilmente nos presenteou.
Escritores de méritos distintos e de diferentes origens e idades, Haroldo, Rachel, Waly e Domingos foram entre Abril e Novembro levados pela morte.

## COLABORADORES BRASILEIROS DESTE NÚMERO

Caetano Veloso, Tarso de Melo, Ruy Espinheira Filho, Ignácio de Loyola Brandão e Cláudio Aguiar honram esta revista e este número com a sua colaboração inédita, que agradecemos.

- CAETANO VELOSO, nascido em Santo Amaro da Purificação, Bahia, em 1942, impôs-se ainda jovem como cantor e compositor de excepção, que hoje é reconhecido internacionalmente; nos últimos anos, porém, já muitos se dão conta também do vigor e complexidade da sua personalidade intelectual, das suas qualidades de cineasta, e do seu talento literário, que em 1998 se expôs na prosa de *Verdade Tropical*, agora reeditado em Portugal por Quasi Edições, a mesma editora que há meses ousou lançar, com invulgar sucesso, supomos que "O Poeta em Dacar" é o primeiro texto que Caetano publica como "poema" *Letra Só*.
- TARSO DE MELO nasceu em Santo André, S.Paulo, em 1976. Editor das revistas *Monturo* e *Cacto*, autor do ensaio *Poesia, Pão e Circo*, publicou os seus primeiros poemas em edições artesanais (*Odisseu Sande*, 1996, e *Mimos Mínimos*, 1997), aos quais se seguiram em edição mais cuidada *A lapso* e *Carbono*, com poemas exíguos e limpos que resistem ao tempo oxidado ou celebram desencantados o "amor a lapso".
- RUY ESPINHEIRA FILHO nasceu em Salvador, em 1942, fez jornalismo, um mestrado em Ciências Sociais, e ensinou na Faculdade de Comunicação e no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. A sua obra reparte-se pela crónica *Sob o Último Sol de Fevereiro*, 1975), pelo ensaio (*O Nordeste e o Negro na Poesia de Jorge de Lima*, 1990), pela ficção (*O Vento no Tamarindeiro*, 1981; *Últimos Tempos Heróicos de Manacá da Serra*, 1991; *Os Quatro Mosqueteiros Eram Três*, 1989) e pela poesia. A sua estreia poética ocorreu em 1974, com *Heléboro*, a que se seguiram mais cinco livros que, com inéditos, se encontram em *Poesia Reunida e Inéditos* (Rio – São Paulo, Record, 1998). Nos seus poemas de forma livre mas também de forma fixa – uma fixidez quase sempre contrariada pela variação rítmica e pelo "enjambement" – , os apelos à memória e à experiência denunciam um algo drummondiano e moderno "sentimento do tempo", que, risonho ou melancólico, é expresso, à maneira dos clássicos, de modo claro e depurado.

- IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO nasceu em Araraquara em 1936, no dia do santo que tem o seu nome. Ainda estudante do "Científico" participa em filmagens, funda um clube de cinema e faz crítica cinematográfica; vai para S. Paulo, ingressa no jornalismo e em 1963 parte para Roma com o intuito de trabalhar na Cineccità. Torna-se correspondente de jornal, regressa e desde então, com pequenos intervalos, como o de uma estadia na Alemanha, tem trabalhado em jornais e revistas de S. Paulo, nalgumas das quais como director. Estreou-se em 1965 com os contos de *Depois do Sol,* mas foram romances como *Bebel que a Cidade Comeu* (1968) e sobretudo *Zero* (1974) que o tornaram célebre. Hoje tem já uma vasta e bem premiada obra de romancista, contista e cronista, mas também de biógrafo, repórter e autor de literatura infantil. No ano passado saiu o seu romance *O Anónimo Célebre* e no ano em curso o livro de crónicas *Calcinhas Secretas*. Nas suas obras, revela-se sempre um escritor de tipo urbano e desenvolto, influenciado por técnicas narrativas do cinema e capaz de disfarçar pelo bom humor o trágico da vida moderna.
- CLÁUDIO AGUIAR nasceu em Poranga, Ceará, em 1944, e formou-se na Faculdade de Direito do Recife. Tendo-se doutorado em 1986 na Universidade de Salamanca, vive hoje em Olinda, mas passa regularmente algum tempo no Rio, onde é um dos responsáveis pela edição da revista *Caliban*, de que saiu há pouco o n.º 6. O seu primeiro romance, *Caldeirão*, 1982, valeu-lhe os prémios José Olympio e Nacional de Literatura. É autor de outros romances, também premiados, como *A Corte Celestial* (1996), de contos, de ensaios, e de peças de teatro, entre as quais o "oratório"*Suplício de Frei Caneca* (1977). Nota-se nessas obras algum fascínio por episódios da história ou da vida popular, descritos ou narrados numa prosa que evita as ousadias das técnicas mais modernas mas não cede à facilidade nem despreza as projecções simbólicas.